03 DE FEVEREIRO 2009

Terça-feira

- CRÉDITO CARO EMPERRA CONSUMO E PRODUÇÃO
  - ENTREVISTA CONCEDIDA PELO PRESIDENTE DO SINDIMETAL/ PR
- SETOR AUTOMOTIVO PARA E LEVA INDÚSTRIA AO PIOR MÊS DESDE 1991
- PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO PAÍS TEM PIOR QUEDA NA HISTÓRIA
- VENDA DA INDÚSTRIA CRESCE 5,7% EM 2008, MAIOR ALTA DA SÉRIE DA CNI
- COMÉRCIO DE CARRO NOVO SE RETRAI MAIS EM JANEIRO
- PESQUISAS DIVERGEM SOBRE ESTOQUES
- EM SP, MAIS 200 ACEITAM REDUÇÃO DE SALÁRIO
- FEDERAÇÃO PARANAENSE APÓIA COLOCAÇÃO DE PESQUISADORES NAS INDÚSTRIAS

Câmbio Em 02/01/2009		
	Compra	Venda
Dólar	2,346	2,347
Euro	3,017	3,018

CRÉDITO CARO EMPERRA CONSUMO E PRODUÇÃO

- ENTREVISTA CONCEDIDA PELO PRESIDENTE DO SINDIMETAL/ PR

01/02/2009 – Folha de Londrina

Em recente pesquisa neste mês, com empresários do setor metalúrgico da região metropolitana de Curitiba, verificou-se uma queda de 22,83% na produção no trimestre passado. No primeiro bimestre deste ano, o setor prevê uma queda de 35,40%. Para o **presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas de Curitiba (Sindimetal), Roberto Soltomaior Karam**, alternativas criativas para

enfrentamento da crise esbarram num ponto principal: a falta do crédito fácil, rápido e barato para consumidores e empresas.

Ele cita como exemplo, o spread (empréstimos bancários) médio anual de 80% cobrado pelos bancos. ''Se uma empresa emprestar R$ 100 mil no ano, vai pagar só de spread R$ 80 mil'', exemplifica. Ele também lembra das notas promissórias emitidas pelas empresas para clientes. ''O banco cobrava 1,5% do valor da promissória para antecipar o dinheiro para o empresário ter capital de giro para produzir. Com a crise, os bancos estão cobrando 3,4% de cada promissória transformada em dinheiro'', protesta.

Segundo ele, dívidas feitas como compra de máquinas e treinamento de pessoal são o grande custo das empresas. ''As empresas têm que pagar isso em dólar, porque é quase tudo importado. A moeda americana subiu 40% neste período de crise'', ratifica. Karam entende que baixar salário compromete o consumo ainda mais. ''Mas ou se reduz salário e jornada de trabalho ou teremos que demitir. O que está acontecendo é um movimento para que as empresas não demitam. Não há como dar estabilidade num ambiente de crise, a empresa não tem estabilidade nem para ela'', compara. (E.P.F.)

SETOR AUTOMOTIVO PARA E LEVA INDÚSTRIA AO PIOR MÊS DESDE 1991

03/02/2009 – Estadão

A produção industrial brasileira caiu 12,4% em dezembro de 2008 na comparação com novembro, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta terça-feira, 3. É o pior resultado desde 1991, quando começou a série histórica da pesquisa. Na comparação com dezembro de 2007, a produção recuou 14,5%. No acumulado de 2008, por sua vez, o índice teve expansão de 3,1%.

Segundo o IBGE, a crise mundial teve impacto imediato na queda de atividade do setor porque a restrição ao crédito afetou os setores da indústria mais sensíveis à queda na oferta de empréstimos, especialmente o automotivo. "Há um quadro generalizado de queda", disse a economista da coordenação de indústria do IBGE Isabella Nunes.

Com a queda, a produção retornou ao nível de março de 2004. O maior impacto negativo no índice global foi o setor de veículos, que caiu 39,7% em dezembro, seguido por máquinas e equipamentos, material eletrônico e comunicações e metalurgia básica. Segundo a economista do instituto, todos esses segmentos registraram paralisações e férias coletivas no mês de dezembro. Todos os 27 ramos da indústria pesquisados tiveram queda, com exceção de celulose e papel, que subiu 0,4% no mês.

A detonação da crise mundial, com a quebra do banco americano Lehman Brothers,a partir de setembro, teve efeito imediato sobre a atividade industrial. Segundo o IBGE, esse quadro de queda generalizada foi agravado pelo mau desempenho de setores mais sensíveis à restrição de crédito e à queda das exportações de commodities.

A análise sobre o comportamento da indústria em 2008 mostra duas fases distintas, ainda de acordo com o instituto. Na primeira, que vai até setembro de 2008, há uma elevação generalizada do nível de produção, com o total do setor crescendo 13,6% e todas as categorias mostrando ganhos. De outubro em diante , observa-se uma

significativa queda na produção global, que recua 9,4% entre setembro e dezembro, em todos os setores.

O IBGE também revisou o índice de novembro, que já havia sido negativo. De -5,2%, o índice ficou em -7,2% na comparação com o mês anterior. Em outubro a produção industrial tinha caído 2,8% em relação a setembro.

Reflexos

Os números da produção industrial assustaram a economista da Mauá Investimentos Cassiana Fernandez. Com os dados, a analista já iniciou o processo de revisão das projeções para o PIB do quarto trimestre de 2008, de -1,8% para algo mais próximo de -2,0%. O indicador será conhecido no dia 10 de março, véspera da próxima decisão do Copom sobre a Selic. "Está ocorrendo um choque de demanda e isso é realmente algo sem precedentes, é algo que assusta", avaliou.

Cassiana destacou que a drástica queda da produção industrial em dezembro de 2008, de 12,4% na comparação com novembro e de 14,5% ante o mesmo mês de 2007, está muito ligada ao contexto vivido em todo o mundo, derivado da crise financeira internacional. "A crise pegou o Brasil no pico de seu crescimento, que foi o terceiro trimestre", avaliou. Ela lembrou que essa expansão brasileira vinha sendo puxada pelos investimentos e que, dado o novo cenário, é natural que haja um esfriamento também dessa aplicação de recursos no País.

Para a economista do Unibanco Giovanna Rocca, o fato do freio na indústria não se restringir ao setor de automóveis, como era avaliado por alguns analistas até o momento, é preocupante. "Não foram só os automóveis, houve queda generalizada em todos os setores, e me impressionou um pouco o dado da produção de bens de capital", analisou.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO PAÍS TEM PIOR QUEDA NA HISTÓRIA

03/02/2009 – Gazeta do Povo

A indústria brasileira sofreu em dezembro do ano passado a queda mais acentuada da produção já registrada, reflexo da retração da demanda e da resposta imediata das fábricas para tentar contornar os efeitos do agravamento da crise financeira mundial.

As indústrias instaladas no país amargaram uma queda de 12,4 por cento na produção de dezembro ante novembro, a mais acentuada da série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), iniciada em 1991.

No último trimestre de 2008, o desempenho industrial ficou 9,4 por cento abaixo do registrado nos três meses anteriores, acrescentou o IBGE.

"Os resultados de dezembro confirmam o cenário de demissões e queda da produção anunciado pelas empresas no fim do ano passado", afirmou Isabel Nunes, economista do IBGE.

Na comparação com dezembro de 2007, o quadro também mostra uma forte deterioração do setor. "A queda na produção foi de 14,5 por cento, menor marca de toda a série histórica", informou o IBGE.

Os dados vieram bem piores do que as projeções feitas por analistas consultados pela Reuters. De acordo com o levantamento, os analistas esperavam uma queda mensal de 6,6 por cento e um recuo de 9,0 por cento na comparação com dezembro do ano anterior.

"A redução de 12,4 por cento observada na passagem de novembro para dezembro de 2008 foi a mais acentuada da série histórica e levou o patamar de produção ao nível observado em março de 2004", afirmou o IBGE em nota.

"Foi pior, muito pior do que o imaginado... Foi um verdadeiro tombo", afirmou a Rosenberg & Associados em relatório para clientes.

Freio nas montadoras

A indústria de veículos, que amargou um tombo de 39,7 por cento, foi o principal impacto no índice global do setor.

Avaliando por categoria, a produção de bens duráveis despencou 34,3 por cento em dezembro, enquanto os bens de capital recuaram 22,2 por cento, recorde em ambos os casos.

Na comparação com dezembro de 2007, a produção da indústria automotiva ficou 59,1 por cento menor. As indústrias de material eletrônico e equipamentos de comunicação sofreu uma retração de 60,3 por cento.

"A crise continua e os resultados já disponíveis mostram que há melhora em veículos, mas ainda com confiança deteriorada de consumidores e empresários", afirmou Isabela Nunes.

O cenário que se apresenta com os números do IBGE reforça as expectativas de continuidade do ciclo de corte da taxa básica de juro, iniciado em janeiro pelo Banco Central.

"Os dados revelam que o setor industrial respondeu aos efeitos do acirramento da crise internacional rápida e profundamente e além disso, a amplitude da queda, muito além do esperado, abre mais espaço para cortes da taxa básica de juro", afirmou o Santander em relatório para clientes.

No mercado de juros futuros, os contratos de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2010 operavam em baixa, apontando juro de 11,03 por cento. Esse contrato embute as apostas dos analistas para o patamar da taxa básica, a Selic, ao final de 2009.

Na véspera, pesquisa semanal do BC mostrou que as projeções para a Selic em dezembro apontam taxa de 10,75 por cento. Atualmente, o juro está em 12,75 por cento ao ano.

Expansão pela metade

Em 2008 como um todo a produção industrial acumulou alta de 3,1 por cento, ante avanço de 6,0 por cento em 2007. Analistas esperavam um crescimento de 3,6 por cento, de acordo com a pesquisa feita pela Reuters.

"Em síntese, a mudança do quadro macroeconômico a partir de setembro teve efeito imediato sobre a atividade industrial", afirmou o IBGE.

Para os técnicos do instituto, a análise sobre o comportamento da indústria em 2008, a partir dos índices de média móvel trimestral, mostra duas fases bem distintas. A primeira mostra uma elevação generalizada do nível de produção. seguida por uma outra, a partir de outubro do ano passado, de "significativa queda na produção global".

"O quarto trimestre de 2008 frente ao trimestre anterior, com recuo de 9,4 por cento, interrompe sequência de doze trimestres consecutivos de crescimento, período que o setor industrial acumulou 16,5 por cento, apontando para uma reversão em curto espaço de tempo", afirmou o IBGE.

VENDA DA INDÚSTRIA CRESCE 5,7% EM 2008, MAIOR ALTA DA SÉRIE DA CNI

03/02/2009 – Valor Econômico

As vendas reais da indústria brasileira encerraram 2008 com crescimento de 5,7% perante o ano anterior. De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), foi a maior taxa de expansão anual desde o início da série, em 2003, apesar da queda no último trimestre.

Apenas no mês de dezembro, o faturamento real da indústria de transformação nacional subiu 1,4% sobre novembro, pelo critério dessazonalizado. Na série sem ajuste, porém, houve queda de 4,3%. Ante dezembro de 2007, as vendas reais se contraíram em 2%.

Em relatório, a CNI destaca que a crise internacional atingiu duramente a indústria no último trimestre de 2008, mas o bom desempenho até setembro garantiu o resultado positivo nas vendas reais em todo o ano.

O destaque de 2008 foi o setor de veículos automotores, cujo faturamento real representou 35% da variação global do índice. A entidade diz ainda que a maioria dos setores industriais teve saldo positivo anual, com exceção para os ramos de Madeira e Produtos químicos.

COMÉRCIO DE CARRO NOVO SE RETRAI MAIS EM JANEIRO

03/02/2009 – Valor Econômico

A indústria automotiva registrou mais um mês de retração neste começo de ano. As vendas de automóveis e comerciais leves caíram 11,75% em janeiro em relação ao mesmo período de 2008, ainda sob efeito da crise de crédito. Foram vendidas 189.731 unidades no primeiro mês do ano. Em janeiro de 2008, haviam sido 215 mil. Na comparação com dezembro passado (194,4 mil), o recuo teve impacto menor – as vendas recuaram 2,44%.

A Fiat continuou na liderança do mercado com a venda de 43.315 automóveis e comerciais leves em janeiro (22,8% de participação), seguida pela Volkswagen, que vendeu 41.011 (21,6%). A General Motors apareceu em terceiro com 38.161 (20,1%); a Ford, em quarto, com 22.563 unidades (11,9%).

O modelos mais vendido no mês foi o Gol (VW), com 17.876 unidades. Em segundo apareceu o Uno (Fiat), com 11.687 e, em terceiro, o Palio (Fiat), com 10.767.

Dados gerais

Quando entram na conta os setores de caminhões e ônibus, a indústria vendeu 197.476 veículos no mês passado, uma alta de 1,51% ante dezembro. Sobre janeiro de 2008, houve queda de 8,13%.

"Com esses dados, a preocupação existe, mas terminou o pânico depois da queda abrupta que vimos no fim do ano passado. O mercado está agora mais estável", diz o consultor André Beer.

PESQUISAS DIVERGEM SOBRE ESTOQUES

03/02/2009 – Valor Econômico

Dois levantamentos sobre o nível de estoques da indústria em janeiro mostram um quadro contraditório: enquanto a Sondagem da Indústria de Transformação da Fundação Getúlio Vargas (FGV) revelou um número maior de empresas reclamando de inventários excessivos, o Índice Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) do Banco Real apontou queda, tanto de bens finais como de insumos. Quanto mais demorar o ajuste de estoques, mais tempo levará para as empresas retomarem um ritmo normal de produção. Vale notar que o PMI exibiu um retrato desanimador do desempenho da indústria no mês passado, com queda expressiva da produção, das encomendas e do emprego.

Das 1.104 companhias ouvidas pela FGV entre 5 e 26 de janeiro, 21,8% informaram que têm estoques excessivos, acima dos 21% de dezembro e o maior percentual desde julho de 2003, na série com ajuste sazonal. O número de companhias com inventários insuficientes caiu a zero. "O resultado indica que muitas empresas ainda não conseguiram desovar os estoques", resume o coordenador-técnico da sondagem, Jorge Braga. O quadro é preocupante porque a indústria vem reduzindo drasticamente a produção desde outubro, e ainda assim não se livrou do excesso de produtos estocados - pelo menos segundo a pesquisa da FGV. Braga diz que a reversão desse quadro depende da recuperação da demanda, algo bastante incerto no atual cenário.

No setor de minerais não metálicos, o percentual de empresas que consideram excessivos os estoques passou de 32,8% em dezembro para 46,3% em dezembro, segundo Braga. No segmento têxtil, houve alta de 6,4% em dezembro para 32,4% em janeiro.

O grupo material de transporte, que inclui a produção de veículos, teve uma redução no número de empresas que reclamam de excesso de estoques. O percentual caiu de 39,3% em dezembro para 32,5% no mês passado, ainda assim um percentual alto.

O PMI do Real, que ouviu 450 empresas na primeira quinzena de janeiro, mostrou uma situação diferente. O índice de estoques de bens finais caiu de 52,8 em dezembro para 47,5 em janeiro, na série com ajuste sazonal. Um número abaixo de 50 aponta para a redução de estoques. No caso dos inventários de insumos, houve recuo foi de 50,5 para 46,6 no período. "A leitura mais recente indicou uma queda sólida nos estoques de pré-produção", diz o relatório do PMI. Para o economista Cristiano Souza, do Real, a tombo nos estoques de insumos deixa clara a relutância das empresas em produzir, num quadro de incerteza quanto à demanda.

Além dos estoques, o PMI trata da situação na indústria de fatores como o nível da produção, encomendas, emprego e preços. O índice geral (uma combinação de 11 indicadores) caiu de 40,0 em dezembro para 38,1 em janeiro, na série com ajuste sazonal. Foi o quarto recorde consecutivo de baixa do indicador, que começou a ser calculado em fevereiro de 2006. Quando o indicador fica abaixo de 50, a interpretação é de queda na atividade da indústria; quando fica acima de 50, há expansão.

Souza diz que os piores resultados foram os de produção, encomendas e emprego. O indicador da produção, que em agosto de 2008 estava em 51,0, caiu para 33,9 em janeiro, também o menor da série. Os pesquisados atribuíram a contração principalmente ao número menor de encomendas - o indicador de novos pedidos tombou de 34,5 em dezembro para 33,6 no mês passado, outro recorde de baixa. Esse é um resultado bastante preocupante, por indicar uma trajetória fraca para a atividade nos próximos meses.

O indicador do emprego caiu com força, com as empresas demitindo funcionários para reduzir custos num quadro de desaceleração da atividade. Além da queda de estoques, a outra única boa notícia do PMI veio dos indicadores de preços, segundo Souza. As cotações de bens finais mostraram baixa, com as empresas declarando que a demanda fraca as levou a reduzir os preços, para manter a competitividade. No caso dos insumos, a pesquisa apontou uma alta de preços, em parte por causa da desvalorização do câmbio, mas o ritmo de aumento arrefeceu.

EM SP, MAIS 200 ACEITAM REDUÇÃO DE SALÁRIO

03/02/2009 – Valor Econômico

Os funcionários da fabricante de lanternas e alarmes para o setor automotivo Olimpus aprovaram ontem em assembleia redução da jornada de trabalho com redução dos salários. Segundo informou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, a jornada será reduzida em 20% em fevereiro e março e os salários serão baixados em 15%. Em troca, os 200 empregados terão estabilidade até 30 de setembro. Até agora, foram fechados cinco acordos do tipo em São Paulo, envolvendo 5,6 mil metalúrgicos. De acordo com o presidente do sindicato, Miguel Torres, a negociação evitou 1,6 mil demissões.

Ontem, Torres foi convocado para uma audiência no Ministério Público do Trabalho, para prestar esclarecimentos sobre o primeiro acordo do tipo, fechado no dia 28 com a Valeo. Os 800 funcionários da empresa aprovaram a redução da carga semanal em um dia na semana, com redução do salário em 15%, em troca de garantia do emprego por quatro meses.

"O Ministério Público quer saber se o sindicato está cumprindo as exigências previstas na legislação, mas mostramos que esse e outros acordos estão garantindo redução de salário abaixo da redução de jornada e estabilidade, que é mais do que a lei exige", disse Torres. De acordo com o Ministério Público do Trabalho, a documentação entregue pelo sindicato e pela empresa será avaliada.

Em Hortolândia (SP), a BSH Continental informou que vai recontratar dez trabalhadores portadores de doenças profissionais ou sequelas de acidente de trabalho. Em dezembro, a empresa demitiu 120 funcionários da unidade e, na época, alegou que nenhum funcionário possuía doenças profissionais ou sequelas de acidente de trabalho. A BSH informou ainda que aguarda a apresentação de documentos por

outros ex-funcionários comprovando que os metalúrgicos adquiriram problemas de LER (Lesões por Esforços Repetitivos), coluna, perda de audição e da capacidade laboral em consequência da atividade na empresa ou de acidentes de trabalho.

Hoje, os 180 funcionários da empresa de autopeças Novex Rodas e Rodízios, de São Paulo, realizam assembleia também para deliberar sobre proposta de acordo de redução de jornada e de salários. À tarde, o Sindicato dos Borracheiros da Grande São Paulo faz uma parada na portaria da Produflex Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, em Diadema. O objetivo é protestar contra irregularidades como a demissão de 102 funcionários sem aviso ao sindicato e a redução de jornada e de salários sem realização de assembleia.

FEDERAÇÃO PARANAENSE APÓIA COLOCAÇÃO DE PESQUISADORES NAS INDÚSTRIAS

03/02/2009 – Agência CNI

A Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) informa que pesquisadores interessados em atuar em empresas paranaenses têm até 30 de abril para apresentar suas propostas ao projeto Pesquisador na Empresa. O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em parceria com o Ministério de Ciências e Tecnologia (MCT).

Por meio do programa Antena ABG Brasil, a FIEP apoiará a elaboração dos projetos, identificará e colocará os pesquisadores nas empresas. A Antena ABG Brasil é uma representação da Associação Bernard Gregory (ABG), da França, que promove mundialmente a inserção de doutores em empresas. A ABG está no Paraná desde setembro de 2005, em parceria com a FIEP por meio de uma iniciativa conjunta com o Instituto Euvaldo Lodi do Paraná (IEL/PR) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná (SENAI/PR). O edital Pesquisadores nas Empresas está disponível no site www.cnpq.br.